

BULLYING: SUAS FACES, DISFARCES E INTERFACES - O CONHECIMENTO COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO

Caros leitores,

Este volume da Revista Educação UNIVERITAS/UNG/SER apresenta trabalhos que retratam o *bullying* nas suas diversas faces, interfaces e disfarces e tem como principal proposta a difusão do conhecimento como forma de enfrentamento desta doença, mais que tudo, social, embora com repercussões físicas, morais, intelectuais e psicológicas, que destrói a singularidade dos indivíduos e os marginaliza, promovendo dor e sofrimento nos diversos cenários onde aparece, centrado, no mais das vezes, na violência contra um indivíduo, mas que atinge a toda a sociedade, pela sua capacidade de ampliação e repercussão negativa, onde todos estão doentes - vítimas, testemunhas e perpetradores. Aliás, podemos afirmar que, no que se refere ao fenômeno *bullying*, todos os agentes envolvidos são vítimas, mesmo que estejam nas posições de testemunha ou perpetrador.

A título de contextualização, é importante partir da instituição de duas leis em nosso meio - a Lei Federal nº 13.277, que instituiu o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência nas Escolas. Esta lei surgiu a partir do advento de uma tragédia ocorrida em 2011, no bairro de Realengo/RJ, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira e matou 11 crianças. Em dias recentes, em 2019, uma dupla de atiradores invadiu a Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano/SP, em que eram ex-alunos, e mataram cinco estudantes e duas funcionárias da escola; e a Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), com a finalidade de vir a fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e de outros órgãos. Nesta Lei consta a definição de *bullying* como “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”.

Este volume está organizado de tal forma a permitir aos leitores refletir sobre a questão nos seus diversos aspectos, que vão da delimitação do problema, passando pelas reflexões sobre a possibilidade de mudança, até a discussão dos enfrentamentos possíveis. Reafirma a necessidade da arte como promotora de educação e saúde, difusão de conhecimento e reflexão sobre comportamentos, sendo, portanto, valioso agente de mudanças. Envolve desde artigos resultantes de dissertações de mestrado, revisões sistemáticas a resultados de experiências.

Que cada parágrafo dos artigos sirva de inspiração para que cada um de nós, enriquecidos, possamos ajudar na promoção das mudanças necessárias para um mundo mais equitativo e harmonioso de forma a expressar o melhor que tem de si, como legado para toda a humanidade e onde as violências façam parte somente de um trecho difícil de nossas memórias.

Boa leitura!

Maria Sylvia de Souza Vitale

Professora Adjunto Doutora e Chefe do Setor de Medicina do Adolescente/Universidade Federal de São Paulo. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e Adolescência/ Departamento de Educação/Universidade Federal de São Paulo

E-mail: sylviavitale@gmail.com